

8 DE ABRIL

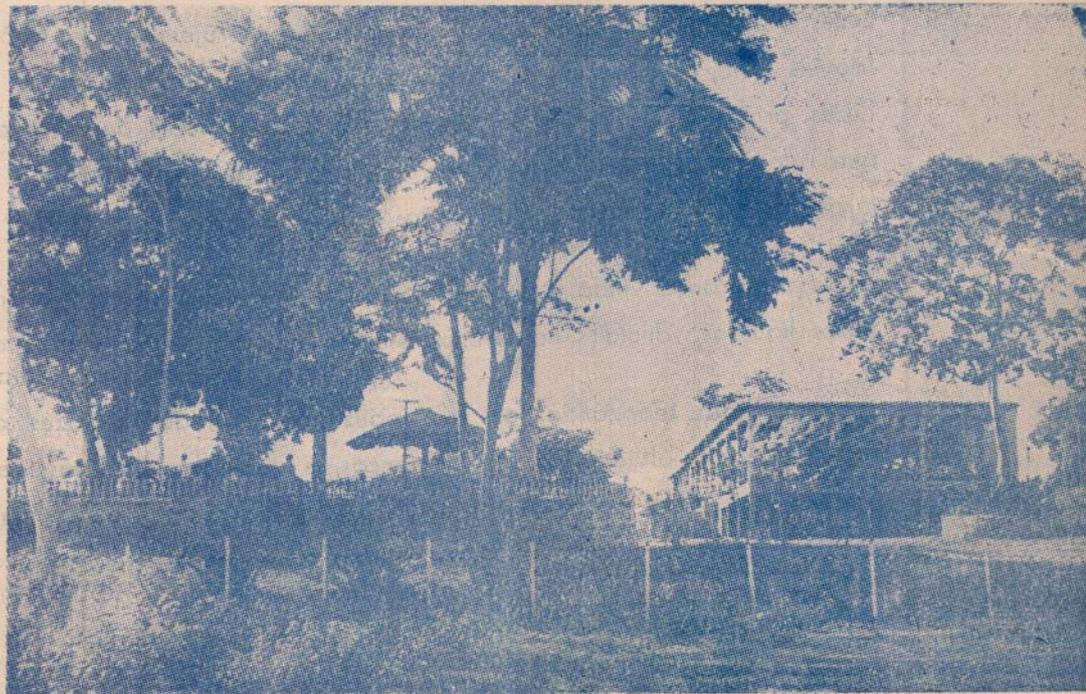
1719

NA GRANDE DATA

CÍVICA

DE CUIABÁ,

O FILHO DA TERRA



LAPIDA SEU CANTO

DE AMOR A MATO GROSSO,

HOMENAGEANDO

1961
8 DE ABRIL

AS LUZES DE SAYONARA

AO LONGE,

apenas,

apenas luzes nacionais...

Uma abundância de unidades que iluminam o balneário:—luz sangue, luz paz, luzes desesperadas. Luzes redondas e quebradas, e luzes tubulares, encurvecidas.

Luzes flexionando cores, piscá-piscando em coqueluche branda.

Luzes que necessitam falar alguma coisa, e luzes projetadas de faróis, espacejando flores.

Imóveis luzes, asfixianando-se nos bojos de pequeninos postes.

Luzes priscando em olhos de cãezinhos saltitantes; luzes de olhos ausentes

que retornam ao baile, fugindo de outros olhos que procuram...

Luzes, essas: luzes sub-subdividindo a vida, ainda são mormaço do sol, transfigurando a noite,
[antecipando alegrias.

Luzes, lembrança vinda do Coxipó que dorme sôbre as coisas mais profundas,

Luzes líquidas, diluídas no sereno, esculpindo neblina e cheirando a saúde
[de uma idéia... e de um grito.

Luzes tremidas, teorizando sons, mas realizando exotidão nas vozes que anunciam.

Luzes buscando altitude, colorindo crianças, e caindo, assim, nascidas de um tango.

Luzes num esguicho de fonte motorizada, ensaiando paisagem, borrifando na gente.

Luzes orquestradas de ângulos novos, fazendo arco-iris em
(homenagem a você, meu bem.

Luzes e luzes derivando outras luzes, que aceitam romances,
(facilitando agonias.

Luzes formalizando palavras, palavras.

E as luzes discretas que respeitam os amantes passeando na
(relva, orvalhando os sentidos.

O, os poetas e filósofos—luzes concretas que falam de outras
(luzes e sorriem às crianças—estas, poesia de um beijo
(adoçando uma flor!

Nós somos os poetas de *Sayonara*, vivendo um estôgio,
(emendado de gestos, que caíram da história
(pelas mãos desses Moços.

Depois vem a geometria verde das plantas, a escultura azul
daquele banquinho pintado de novo. VIDA.



S
I
L
V
A

F
R
E
I
R
E

Adaptação de: *LUZES DA PRAÇA PARIS*,

do mesmo autor, encenado pelo Teatro Universitário Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Três Poemas de SILVA FREIRE
Para o Livro a Publicar: — PAISAGEM ALEM DO HOMEM

AS LUZES DE SAYONARA

AO LONGE,
apenas,
apenas, luzes nacionais...

Uma abundância de unidades que iluminam o balneário:—luz sangue, luz paz, luzes desesperadas.

Luzes redondas e quebradas, e luzes tubulares, encurvadas.

Luzes flexionando cores, piscando em coqueluche branda.

Luzes que necessitam falar alguma coisa, e luzes projetadas de laróis, espacelando flores.
Inôveis luzes, asfixiando-se nos bolsos de pequeninos postes.

Luzes priscando em olhos de cãeszinhos solitários; luzes de olhos ausentes que retornam ao baile, fugindo de outros olhos que procuram...

Luzes, essas: luzes sub-subdividindo a vida, ainda são morraço do sol, transfigurando o noite,

[lançando alegrias.

Luzes, lembrança vinda do Coxipó que dorme sobre as coisas mais profundas.

Luzes líquidas, diluídas no sereno, esculpindo neblina e cheirando a saudade

[de uma idéia... e de um grito.

Luzes tremidas, teorizando sons, mas realizando excitada nas vozes que anunciam.

Luzes buscando altitude, colorindo crianças, e caindo, assim, nascidas de um tongo.

Luzes num esguicho de fonte motorizada, ensaiando paisagem, borrlhando na gente.

Luzes orquestradas de ângulos novos, fazendo arco-iris em (homenagem a você, mau bem.

Luzes e luzes derivando outras luzes, que acedem romances, (facilitando agoniás.

Luzes formalizando palavras, palavras.

E as luzes discretas que respeitam os amontes posseando na (relva, orvalhando os sentidos.

O, os poetas e filósofos—luzes concretas que falam de outros (luzes e sorriem às crianças—estas, poesia de um beijo (adocendo uma flor!

Nós somos os poetas de *Sayonara*, vivendo um estagio, (lembrando de gestos, que coram da história (pelos mãos desses Moços.

Depois vem a geometria verde das plantas, a escultura azul (daquela banquinho pintado de novo. VIDA.



SILVA FREIRE

Adaptação de: LUZES DA PRAÇA PARIS.

do mesmo autor, encenado pelo Teatro Universitário - Brasília, no Rio de Janeiro.

Canção do Amor Que Te Quero

SAYONARA

passaro aquático de leves plumas sem berrido,
tecendo um sonho um sono de criança...
O amigo de outras plagas... esta casa é nossa! Veni divergindo.
Ouçé, essa alegre musical

— Apenas sugestão de bifes pipocando normais miões
traçgadas num tear de vinho.
Ali bailouca o Coxipó, no szimbo,
ou vilinho reatrido

entre

anseios de remos
sábios de scios
e
respeito de amor

Quase sempre
a lanchadeira trinta
estraga meu serpeço de pedra
mas pedras limadas do facho amigo.
Mas so tu, Fil carilho do meu corpo,
murmuras do bauranco
num acender de fados,
caminho curto ao priflampo cego...
Essa canção que passa belissando a madrugada,
assim

esgata e fragil!
— Hivido sorriso namorando espelho,
desenhou voce

no perfil do meu silencio de mural moderno.
Ah, ciume azul de peixes escorregand' estreias na verde noite cubana
Nã, amigo,
não mexas na escultura de eti ausencia
minha sadude esta dorminda... aqui, em SAYONARA.

Um lambard priscou prá fora d'agua:
peraltice de criança dançante, o desfilie horizontal dos anjos

RAMPAS DE SAYONARA! Poema ou Adeus?
Talvez reflectas meus choramingando um beijo.
Adeus, minha filha,
a manilha brilha no teu rosto rossa noite de amanhã.

SAYONARA

corpo inerte de mulher descalça
crismando no sereno esse momento de amor ou prece
de planta gelada em água mansa.

Nessa escuridão,
quando as cores brinçam de fonte motorizada,
ouço tilhar pedacos de geometria electrica de passaros
abandados ao relento luar

Então pressinto a hora de elaborar o canto triste... e partir.
O derradeiro canto espreguço seu moler
no madrugada fresca do szifalio... Vai resmungando noturnos sensatis.
Ao lado, ah,
o dormir de ave em pasto ralo e leve,
que e da praia ensalçada sob as nuvens
primas, ou estas mateladas e vivas?

Ei seu mesmo o despertador do Sol
Um aviso na estrada
com bandido deito
trismando cristal.
Poeta na mata
desperta, clareira
sem remorso ou metal...

Aplausos e palmas
— de alambique e tambor —
são levante de copos
lapidante o progresso.

As luzes se abrigam,
e de longe,
da grama do monte,
um ficas se levanta
pronunciando "adeus"
pronunciando "adeus"
(AKOTAS DE SAYONARA.

Cubãh, qualquer madrugada de alegria e luar.

de SILVA FREIRE

PAISAGEM ALÉM DO HOMEM

Canção do Amor Que Te Quero

SAYONARA,
pássaro aquático de leves plumas sem barulho,
tecendo em sonho um sono de criança...
Ó, amigo de outras plagas... esta casa é nossa! Vem chegando.
Ouça, essa alegria musical

lavrada em redes,
lavando meu cansaço!
— Apenas sugestão de bilros pipocando mornas mãos
trançadas num tear de vinho.
Ali balouça o Coxipó, rio sôzinho,
ou violino retorcido

entre
anseios de remos
soluços de seios
e
respeito de amor

Quase sempre
a lavadeira triste
esfrega meu segredo de pedra
nas pedras tímidas do riacho antigo.
Mas só tu, fiel carinho do meu corpo,
murmuras do barranco
num acender de fochos,
caminho certo ao pirilampo cego...
Essa canoa que passa beliscando a madrugada,
assim
esguia e frágil,
— livido sorriso namorando espelho,
desenhou você

no perfil do meu silêncio de mural moderno.
Ah, ciúme azul de peixes escorregando: estrelas na verde noite cuiabana
Não, amigo,
não mexas na escultura desta ausência
minha saúde está dormindo... aqui, em SAYONARA.

Um lambari priscou prá fora d'água:
peraltice de criança dançando o desfile horizontal dos anjos

RAMPAS DE SAYONARA! Poema ou Adeus?
Talvez reticências nuas choramingando um beijo.
Adeus, minha filha,
a manhã brilha no teu rosto nossa noite de amanhã.

SAYONARA,
corpo moreno de mulher descalça
crismando no sereno êste momento de amor ou prece
de planta gelada em água mansa.
Nessa escadaria,
quando as côres brincam de fonte motorizada,
ouço tilintar pedaços de geometria elétrica de passaros
abandonados ao relento luar
Então pressinto a hora de elaborar o canto triste... e partir.
O derradeiro carro espreguiça seu motor
na madrugada fresca do asfalto... Vai resmungando noturnos sensuais.
Ao lado, ali,
ó, dormir de ave em pasto ralo e leve,
que é da praia ensarilhada sob as níveas
palmas, ou asas niqueladas e vivas?

Eu sou mesmo o despertador do Sol
Um aviso na estrada
escova meu tédio
com bailado de ema
triscando cristal.
Poeira na mata
desperta clareira
sem remorço ou metal...
Aplausos e palmas
— de atabaque e tambor —
são levante de copos
lapidando o progresso.

As luzes se apagam,
e de longe,
da grimpada do monte,
um Deus se levanta
pronunciando faíscas
de parabens a "vocês".
GAROTAS DE SAYONARA.

Cuiabá, qualquer madrugada de alegria e luar.

N

A

R

A

PARTIR...

A Cuiabá, Pátria do meu coração

*Feliz de quem zarpa pelo mar,
como o jangadeiro,
o nordestino cheio de ilusões,
que tem nas vagas bravias
a esperança de ser levado a um porto seguro...*

*Que tem no sal das ondas do mar,
o consôlo amigo para seu pesar...
E que vê no cristal das areias da praia,
—tal como um cisne solitário
espanejando as nêvas plumas,
a silhueta querida de quem fica...*

*Feliz de quem zarpa pelo mar,
e segue balouçando por sôbre as ondas
numa eterna infância de poeta,
numa infinita presença de vida.*

*Feliz de quem zarpa pelo mar,
e não vê e nem sente
fugindo no reflexo das asas do avião
—como lágrimas coloridas de saüdade—
a paisagem verde e colonial
da Terra em que nasci!*

